



UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU

PSICOLOGIA

CAROLINE PIERONI LEAL BONATES

EDUARDA DOS SANTOS FERREIRA

JULIANA PINHEIRO JORGE

LUANA LOPES REIS CABRAL

**UMA ANÁLISE DO DISCURSO DOS IDEAIS
ROMANTIZADOS DE PSICOTERAPIA**

São Paulo

2023

CAROLINE PIERONI LEAL BONATES - RA: 819149239

EDUARDA DOS SANTOS FERREIRA - RA: 819120053

JULIANA PINHEIRO JORGE – RA: 819165070

LUANA LOPES REIS CABRAL – RA: 819146725

**UMA ANÁLISE DO DISCURSO DOS IDEAIS
ROMANTIZADOS DE PSICOTERAPIA**

**AN ANALYSIS OF THE DISCOURSE OF ROMANTICIZED
IDEALS OF PSYCHOTHERAPY**

**UN ANÁLISIS DEL DISCURSO DE LOS IDEALES
ROMANTIZADOS DE LA PSICOTERAPIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado no formato de artigo ao Curso de Psicologia da Universidade São Judas Tadeu como parte dos requisitos para obtenção do grau de psicólogo.

Orientadora: Profª Ms. Mônica Gurjão Carvalho

São Paulo

2023

Resumo: Conforme define Byung Chul-Han (2015), o neoliberalismo é um sistema sócio-econômico cujo princípio é incentivar a individualização e competição constante nos meios de produção. Para Harvey (2008), esta ideologia reforça valores como a responsabilidade individual e meritocracia, apresentando consequências nos âmbitos político-econômico e social. Considerando o grande avanço desta política ao longo dos últimos séculos, sabe-se que tal doutrina tem infiltrado-se sistematicamente em diversas áreas sociais - e, consequentemente, na prática da psicologia. O objetivo do presente projeto é compreender o embate entre o sistema neoliberal e a preservação da ética no campo da psicologia, bem como o impacto deste confronto na romantização das práticas em psicoterapia. Nesse sentido, destaca-se a importância de uma abordagem crítica e da expansão das discussões sobre a responsabilidade do profissional frente aos elementos neoliberais que permeiam a prática clínica. Isso envolve o reconhecimento da necessidade de combater a transformação da saúde mental em "mercadoria", no contexto de uma busca constante por produtividade que gradualmente contribui para um sistema desigual. Para tanto, a pesquisa possui cunho qualitativo e a metodologia utilizada foi por meio de amostragem não-probabilística intencional. Assim, 5 participantes foram convidados a responder entrevistas semi-estruturadas, que foram analisadas através do método de núcleos de significação, sendo esta uma técnica que visa identificar os sentidos e/ou significados que emergem de padrões e ideias recorrentes nos discursos dos indivíduos entrevistados. A análise busca apontar a presença ou interferência das ideias e estratégias neoliberais nas práticas de psicoterapia.

Palavras-chave: Neoliberalismo; psicoterapia; saúde mental.

Abstract: As defined by Byung Chul-Han (2015), neoliberalism is a socio-economic system which encourages individualization and constant competition in the means of production. According to Harvey (2008), this ideology reinforces values such as individual accountability and meritocracy, with consequences in political, economic, and social spheres. Considering

the significant advancement of this policy over the past centuries, it is known that such doctrine has systematically infiltrated various social areas - and, consequently, in the practice of psychology. The aim of this project is to comprehend the clash between the neoliberal system and the preservation of ethics in the field of psychology, as well as the impact of this confrontation on the romanticization of practices in psychotherapy. In this context, the importance of a critical approach and expanding discussions regarding the professional's responsibility in the face of neoliberal elements that permeate clinical practice is emphasized. This involves recognizing the need to combat the transformation of mental health into a "product" within the context of an incessant pursuit of productivity that gradually contributes to an unequal system. Thus, 5 participants were invited to respond to semi-structured interviews, which were analyzed using the method of cores of meaning, which is a technique that aims to identify the senses and/or meanings that emerge from patterns and recurring ideas in the discourse of the interviewed individuals. The analysis aims to identify the presence or interference of neoliberal ideas and strategies in psychotherapy practices.

Keywords: Neoliberalism; psychotherapy; mental health.

Resumen: Según la definición de Byung Chul-Han (2015), el neoliberalismo es un sistema socioeconómico cuyo principio es fomentar la individualización y la competencia constante en los medios de producción. Para Harvey (2008), esta ideología refuerza valores como la responsabilidad individual y la meritocracia, con consecuencias en los ámbitos político-económico y social. Dado el significativo avance de esta política a lo largo de los últimos siglos, se sabe que tal doctrina se ha infiltrado sistemáticamente en diversas áreas sociales, y en consecuencia, en la práctica de la psicología. El objetivo de este proyecto es comprender el enfrentamiento entre el sistema neoliberal y la preservación de la ética en el campo de la psicología, así como el impacto de este conflicto en la romantización de las prácticas en psicoterapia. En este sentido, se destaca la importancia de un enfoque crítico y la expansión

de las discusiones sobre la responsabilidad del profesional frente a los elementos neoliberales que impregnan la práctica clínica. Esto implica reconocer la necesidad de combatir la transformación de la salud mental en una "mercancía" en el contexto de la búsqueda constante de productividad que contribuye gradualmente a un sistema desigual. De esta manera, se invitó a 5 participantes a responder entrevistas semiestructuradas, que fueron analizadas mediante el método de núcleos de significación, una técnica que busca identificar los sentidos y significados que emergen de patrones e ideas recurrentes en los discursos de los individuos entrevistados. El análisis tiene como objetivo identificar la presencia o interferencia de ideas y estrategias neoliberales en las prácticas de psicoterapia.

Palabras clave: Neoliberalismo; psicoterapia; salud mental.

1. Introdução

Para entender o neoliberalismo, precisamos retroceder e repensar o conceito de capitalismo, bem como o contexto histórico em que se originou. O capitalismo é um sistema que tem seu início no século XVIII na Europa a partir da desestruturação do feudalismo, um sistema socioeconômico que visa a dominação de uma classe sobre a outra - a classe detentora do capital. Tal dominação é possível através do mecanismo de compra e venda: produtos tidos como mercadoria (ambiente, trabalho, educação, patrimônio, entre outros) podem ser vendidos àqueles que possuem condições para comprá-los. Logo, quem possui maior poder aquisitivo, maior será o seu poder de compra e apropriação dos meios de produção (Marx, 2013).

O capitalismo no decorrer dos séculos passou por diversas transformações e, atualmente manifesta-se na sua modalidade neoliberal, desenvolvido a partir dos ideais liberais - os quais defendem a desregulamentação do mercado para que o capital possa circular e expandir-se livremente. É possível citar o "Consenso de Washington", em 1989, como um marco histórico que materializou os ideais liberais e neoliberais defendidos por John Locke, Herbert Spencer e Adam Smith (Pavón-Cuéllar, 2017). Esse consenso possibilitou a privatização dos setores públicos, ou seja, instituições públicas são vendidas a uma instituição ou empresa privada juntamente com sua prestação de serviços (Portal da Indústria, s.d.). Assim, o Estado transfere os poderes e responsabilidades pela administração daquela instituição à uma iniciativa privada, dando maior poder ao capital e redefinindo as políticas econômicas de países que já possuem o solo fértil para o seu desenvolvimento (Harvey, 2007).

Segundo Harvey (2008), as consequências dessa transição ainda se dão com a reconfiguração do "Estado mínimo", onde houve a precarização dos serviços relacionados à segurança e bem-estar social como os retrocessos nos direitos trabalhistas, diminuição no

orçamento para iniciativas sociais e extermínio das instituições públicas. Ou seja, a proteção dos direitos da classe trabalhadora sofre uma dissolução enquanto os interesses dos setores privados ganham força e espaço no sistema socioeconômico.

Ainda parafraseando um dos grandes defensores do liberalismo, as justificativas utilizadas por Herbert Spencer (2015) podem exemplificar o que comumente se defende nessa linha de pensamento. Spencer se fundamenta em uma perspectiva biológica, alegando que os humanos são seres naturalmente competitivos, visto que precisam lutar pela vida e evoluírem através da seleção natural, sobrevivendo somente aqueles que se tornam mais aptos para tal. Consequentemente, assim os pensadores liberais vão nos convencendo de que o modelo de sociedade construído através de suas lentes é compatível com o que temos de mais natural e instintivo (Pavón-Cuéllar, 2017).

Contudo, outros intelectuais, como Charles Darwin (1974), se opõem às ideias spencerianas. Como um grande estudioso da evolução humana, o mesmo evidenciou o caráter comunitário e solidário na história da humanidade, destacando a importância da empatia e sociabilidade na sobrevivência da espécie humana. Sendo assim, seus estudos confrontam a ideologia individualista representada pelo liberalismo e neoliberalismo.

De acordo com o Dicionário de Oxford (2023), o neoliberalismo é uma “doutrina, desenvolvida a partir da década de 1970, que defende a absoluta liberdade de mercado e uma restrição à intervenção estatal sobre a economia, só devendo esta ocorrer em setores imprescindíveis e ainda assim em um grau mínimo”. Com a definição de neoliberalismo, Han (2015) parte da concepção de Foucault para refletir sobre os efeitos deste movimento na subjetividade, vendo o sujeito neoliberal como um ser que atua sendo seu próprio empresário. Mas apesar de apresentar a proposta de um homem livre das imposições alheias, o que identificamos nesta lógica é a mercantilização da vida.

Segundo Dunker, Junior e Safatle (2021),

. . . a força do neoliberalismo é performativa. Ela não atua meramente como coerção comportamental, ao modo de uma disciplina que regula ideias, identificações e visões de mundo. Ela molda nossos desejos e, nesse sentido, a performatividade neoliberal tem igualmente efeitos ontológicos na determinação e produção do sofrimento (p. 11).

A estratégia neoliberalista visa camuflar-se por liberdade individual, a fim de criar uma "servidão voluntária". Essa falsa sensação de poder baseia-se nos ideais de autogestão, auto-organização, ou mesmo de empreendedorismo - fatores responsáveis por direcionar o indivíduo cada vez mais à superprodução e autocobrança constantes (Han, 2015)

Romantizar a positividade contribui para que o processo de reflexão e crítica da realidade perca espaço para a subordinação. Para Han, essa busca incessante pelo positivo e pelo desempenho são os grandes responsáveis pela "sociedade do cansaço" e, por consequência, pelo adoecimento psíquico (Han, 2015).

Segundo Han (2015), a sociedade do cansaço é fundamentalmente o contexto social em que estamos inseridos, onde há um excesso de demandas, estímulos, imposições e padrões estabelecidos. Para o autor, a busca constante por sucesso e produtividade, visando a autorrealização baseada em uma doutrina de autossuficiência, frequentemente leva ao esgotamento psicológico e físico - resultado de uma pressão excessiva por desempenho. Ainda, há uma "positividade" atrelada à normalização destes hábitos, originada de expectativas irreais do sistema neoliberal, cujo objetivo é acelerar a produção utilizando a automotivação dos indivíduos inseridos nesse cenário como um combustível.

Para Bock (1997, p. 38), esta normalização impede a compreensão do sujeito em sua integralidade, uma vez que “o indivíduo só pode ser realmente compreendido em sua singularidade quando inserido na totalidade social e histórica que o determina e dá sentido à sua singularidade”. Neste sentido, torna-se fundamental destacar a importância de compreender o ser humano dentro do contexto social em que está inserido. Não é possível

vislumbrar o ideal de transformação social sem atentar para os aspectos - sociais, culturais, políticos e econômicos - de forma crítica e ética. Para tanto, nesta reflexão sobre a constituição dos sujeitos e da subjetividade, retomamos aqui à história do Brasil para compreender como a psicologia, almejando contribuir com estes estudos, sempre esteve atrelada, de certa forma, para interesses burgueses e neoliberais.

Nas palavras de Bock (2004):

. . . a Psicologia esteve comprometida com os interesses das elites brasileiras. Uma profissão que, quando atingiu camadas de baixo poder aquisitivo, nas empresas, nas escolas e na saúde, esteve sempre a serviço do controle, da higienização, da discriminação e da categorização que permitiam melhorar a produtividade, o lucro; permitiam melhorar as condições de vida das elites brasileiras, que sempre fizeram política, nesse país, a partir exclusivamente de seus interesses (p. 2).

À vista disso, o capitalismo – e posteriormente sua forma neoliberal – sempre esteve inserido na constituição da psicologia enquanto ciência uma vez que esta historicamente contribuiu para uma certa gestão e adaptação da subjetividade alinhada aos ideais e normas capitalistas.

Ainda, em conformidade com Cambaúva e Junior (2005),

O homem pode contar apenas consigo mesmo, posto que, na perspectiva neoliberal, é dotado de capacidades tais como autocontrole e auto-suficiência diante dos demais . . . O homem atual é, a um só tempo, desamparado e onipotente e, portanto, vulnerável ao aparecimento de doenças psíquicas. O sistema neoliberal não cria a depressão, mas propicia o seu afloramento, ou seja, fornece várias condições para que o indivíduo seja por ela acometido (p. 529).

Frente a tal assertiva, destacamos a necessidade da psicologia - enquanto ciência - incluir em seu estofo o entendimento de como os aspectos neoliberais formam a realidade e

incidem no sofrimento psíquico singular dos indivíduos. A reflexão de como subjetivamente somos afetados diretamente por este sistema se faz necessária, visto que exerce influência contínua na perspectiva acerca de si; além de ser fundamental fomentar novas percepções a respeito da problemática de tornar a psicoterapia um produto, o qual poderia ser vendido como uma fórmula de resoluções (Bock, 2004).

Desta forma, o neoliberalismo é um sistema que ultrapassa as barreiras meramente econômicas e financeiras, estabelecendo-se como agente e fomentador de condições de vida. Em outras palavras, o neoliberalismo não se trata apenas de uma lógica econômica ou financeira, mas de um sistema de gestão da vida e, portanto, também, da subjetividade. Ao vislumbrar tal aspecto, podemos nos questionar: Como esse sistema incidiu e tem incidido nas práticas de psicoterapia? Em especial, quando notamos que na contemporaneidade há um reforçamento de que a psicoterapia deve solucionar todas as questões que permeiam o sofrimento individual, através de uma *romantização* do saber do campo da psicologia, em prol de uma lógica que o ideal é que os indivíduos produzam mais (Dunker et al., 2021).

Por estas razões, o presente projeto visa destacar a importância do olhar crítico e da ampliação de diálogos acerca da responsabilidade do profissional de psicologia para com os aspectos neoliberais que infiltram-se no campo psicoterapêutico, destacando a necessidade de combater a “mercantilização da saúde mental” no viés da superprodutividade que impulsiona gradativamente um sistema desigual e produtor de adoecimento psíquico. Para tanto, a pesquisa possui um caráter qualitativo, utilizando-se de uma amostragem não-probabilística intencional, cujo enfoque para análise partirá da metodologia de núcleos de significação, que se configura a partir do referencial teórico-metodológico da psicologia sócio-histórica (Aguiar & Ozella, 2006).

2. Método

Tipo de pesquisa

O presente projeto visa utilizar o método qualitativo, privilegiando a singularidade e subjetividade dos sujeitos. Dessa forma, a pesquisa baseou-se na interpretação do objeto observado, a fim de compreender sua significação e enfatizar as possibilidades em um fenômeno social através da coleta de dados.

Participantes

A pesquisa teve como finalidade analisar as dinâmicas individualizantes do sistema neoliberal que afetam a compreensão popular acerca do processo psicoterapêutico. Para tanto, foi selecionado um grupo de cinco participantes que estão em acompanhamento psicológico há no mínimo seis meses, através de amostragem não-probabilística intencional, onde foram aplicados critérios para o recrutamento de participantes favorecendo a triagem de indivíduos de aspectos socioeconômicos, culturais e étnicos diversificados entre si (A, F, M, R e G, conforme Tabela 1).

Considerando a amostra selecionada, todos os participantes possuem idade superior a 18 anos e estão em acompanhamento psicológico há mais de um ano. Destes, dois dos participantes classificam sua saúde mental como "boa", um como "regular", um como "ruim" e uma define que, a depender da época do ano, "fica ruim".

Três dos participantes se autodeclararam brancos, enquanto os outros dois declaram-se como pardos. Quanto à orientação sexual, três participantes identificam-se como heterossexuais, uma como bissexual e a outra como pansexual. Somente uma participante se identifica enquanto não-binária.

Em relação à escolaridade, apenas duas participantes possuem Ensino Superior completo e ambas encontram-se dentro do mercado de trabalho formal. Uma das participantes atua enquanto autônoma e dois estão desempregados no momento. Entre os

participantes atualmente na força de trabalho, a participante F possui renda acima de R\$9.000 exercendo a profissão de advogada, a participante A possui renda entre R\$4.000 e R\$7.500 atuando como professora e a participante G possui renda entre R\$1.900 e R\$4.000 enquanto autônoma (artesã).

Os dados sociodemográficos dos participantes da amostra estão descritos na Tabela 1.

Instrumentos de coleta de dados e procedimentos da coleta

Os instrumentos utilizados foram o questionário sociodemográfico para compreensão das características dos perfis selecionados; o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para resguardar os direitos e o princípio ético da pesquisa; um roteiro de entrevista semi-dirigida e a gravação das entrevistas *online* - única e exclusivamente para fins de transcrição e comparação de resultados.

A partir da seleção da amostra, foram realizadas entrevistas semi-dirigidas, de forma a possibilitar que os participantes em questão desenvolvam e elaborem suas ideias e vivências acerca do tema proposto.

Procedimento de análise de dados

Foi aplicada a técnica dos núcleos de significação, a qual “tem a clara intenção de indicar um processo de análise das falas (transcrição de falas), entendendo-as como ponto de partida, ainda aparente, mas considerando a essencialidade das categorias, totalidade e historicidade no processo analítico”, segundo Aguiar, Aranha e Soares (2021, p. 3).

Neste sentido, as entrevistas tiveram como objetivo principal identificar significações dispostas no discurso dos participantes, à luz de suas percepções individuais sobre suas experiências com a psicoterapia, de forma a evidenciar os efeitos da lógica neoliberal e as modificações intrínsecas observadas com o decorrer do processo. Ainda, de acordo com Aguiar et al. (2021),

Cabe ressaltar que o termo “significação” é utilizado no intuito de expressar a articulação dialética entre sentidos e significados, revelando que indivíduo e sociedade, pensamento e linguagem, afeto e cognição constituem relações que se configuram como unitárias (p. 3).

Para a execução deste método, a análise foi realizada através de quatro etapas fundamentais: leitura flutuante, construção de indicadores, constituição dos núcleos de significação e análise dos núcleos. O processo da leitura flutuante propõe auxiliar a organização e apropriação do material disposto, visando destacar temas diversos frequentemente repetidos ou enfatizados e de alta carga emocional (ou seja, os pré-indicadores), considerando ainda possíveis ambivalências, contradições ou “insinuações não concretizadas”, conforme Aguiar e Ozella (2006). Essa técnica possibilitou a estruturação dos núcleos nas etapas seguintes.

Após a identificação dos pré-indicadores, em uma segunda leitura, foi desenvolvida a construção dos indicadores por meio da segmentação de temáticas similares e/ou contrapostas. Estes fatores podem relacionar-se através de semelhanças ou divergências expressas nas falas dos participantes (Aguiar & Ozella, 2006).

Em seguida, para a constituição dos núcleos de significação, os indicadores foram identificados em categorias distintas, articulando e agrupando temas complementares ou semelhantes. Este mecanismo possibilita verificar o processo de desenvolvimento e construção de sentidos e significados no discurso dos indivíduos, propiciando uma maior visualização de transformações ou contradições frente ao objeto de estudo (Aguiar & Ozella, 2006).

Por fim, na etapa de análise dos núcleos foi efetuada a interpretação dos dados previamente categorizados, sintetizando o enredo da pesquisa proposta e possibilitando a compreensão dos sentidos e significados que motivam os comportamentos e modos de ser

dos sujeitos, considerando suas vivências e contextos sócio-históricos. Assim, a análise não foi somente restrita ao conteúdo exposto verbalmente, mas sim vinculada à compreensão de um “plano mais interiorizado” (pensamento) ao qual cada participante está inserido (Aguilar & Ozella, 2006).

Disposições éticas

Na realização desta pesquisa foram assegurados todos os devidos cuidados éticos, conforme normas requisitadas pelo CFP. O projeto foi enviado à Plataforma Brasil e submetido ao comitê ético de pesquisa da Universidade São Judas Tadeu (USJT), sendo aprovado com o número CAAE 69830823.2.0000.0089.

Tabela 1

Dados Sociodemográficos dos Participantes

Itens	Participantes				
	A	F	G	M	R
Idade	36	34	21	19	32
Orientação Sexual	Heterossexual	Pansexual	Heterossexual	Bissexual	Heterossexual
Identidade de Gênero	Mulher Cisgênero	Mulher Cisgênero	Mulher Cisgênero	Não-Binária	Homem Cisgênero
Raça/Etnia	Parda	Parda	Branca	Branca	Branco
Estado Civil	Casada	Solteira	Solteira	Solteira	União Estável
Escolaridade	Ensino Superior Completo	Pós-Graduação Completa	Ensino Superior Incompleto	Ensino Superior Incompleto	Ensino Superior Incompleto
Profissão	Professora	Advogada e Psicóloga	Autônoma	Desempregada	Desempregado
Tempo no Mercado de Trabalho	15-29 anos	4-7 anos	2-3 anos	-	0-1 ano

continua...

Itens	Participantes				
	A	F	G	M	R
Renda Mensal	≥ R\$ 4.000 ≤ R\$ 7.500	≥ R\$ 9.000	≥ R\$ 1.900 ≤ R\$ 4.000	-	-
Tempo em Psicoterapia	≥ 3 anos	≥ 3 anos	≥ 3 anos	≥ 1 ano ≤ 2 anos	≥ 3 anos
Autoavaliação da Saúde Mental	DEP*	Boa	Boa	Regular	Ruim

Nota: *DEP: A participante A afirma que, a depender da época, sofre oscilações na qualidade da sua saúde mental.

3. Resultados e Discussão

Dado o processo de análise de dados descrito através do método da pesquisa, torna-se relevante evidenciar os principais núcleos:

Mercado e Mente: a saúde mental tem preço?

Para Han (2015), a paisagem patológica do século XXI se pauta em aspectos não somente biológicos, como infecções virais ou bactérias, mas em doenças neuronais provocadas pelo excesso de positividade. Este processo é responsável por acelerar a superprodutividade, gerando um sofrimento psíquico por meio de “esgotamento, exaustão e sufocamento” do indivíduo - sintomas que, comumente, podem levar a quadros de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Depressão e Síndrome de Burnout (SB).

Neste sentido, Han (2015, p. 27) define enquanto “violência sistêmica” o processo de pressão por desempenho, oriundo do sistema neoliberal. Como resultado, a depressão se

caracteriza como um esgotamento proveniente da necessidade constante de produção, enquanto o TDAH é uma consequência deste mesmo aceleração que opera através de uma reação em cadeia da reprodução e propagação da positividade excessiva. A SB, por sua vez, é o superaquecimento desta funcionalidade, de forma que “não expressa o si-mesmo esgotado, mas antes a alma consumida”.

Durante as pesquisas realizadas, foi possível observar que 80% da amostra apresenta um diagnóstico de transtornos psicológicos, entre eles: TDAH, Transtorno de Depressão Maior (TDM) e Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG). No decorrer das entrevistas, tornou-se evidente a correlação entre o adoecimento psíquico dos participantes A, G, M e R e a necessidade de produção constante. Este impacto se destaca através da declaração de um dos participantes:

Eu moro com a minha esposa e a gente se casou em 2019. No finalzinho de 2019 e até ano passado, assim, eu trabalhava na casa, eu fazia a maior parte do trabalho doméstico, porque ela fazia o trabalho de gerar dinheiro. E, a partir desse ano, minha depressão piorou muito, então não consegui também fazer o trabalho doméstico. Então, eu tô sempre me estressando, talvez a respeito disso. Eu tô sempre consciente dos trabalhos aqui em casa que tem que ser feitos e eu não consigo fazer (R).

Este sistema propaga o ideal ilusório de que é possível alcançar um estado de “autoprodução ilimitada”, posicionando o indivíduo enquanto responsável pelo próprio sucesso e o expondo a um ciclo de autocobrança e autoexploração mascarado como “liberdade” (Han, 2014). Através deste mecanismo de culpabilização, o sistema contribui para o adoecimento dos indivíduos, através do mecanismo constante de gestão da frustração e angústia (Dunker, 2021). Assim, o indivíduo “é agressor e vítima ao mesmo tempo”, uma vez que se torna convicto de que, todas as possibilidades se desdobram diante dele, desde que se

dedique incansavelmente ao seu objetivo (Han, 2015, p. 28). Nessa esteira de pensamento a participante G afirmou:

Essa questão do capitalismo, ele... Ela deixa nossa mente o tempo inteiro ligada para querer mais, e querer fazer, e querer alcançar, e querer fazer primeiro. Então eu poderia ter largado, ter deixado o meu trabalho ano passado muito antes de eu ficar como eu fiquei [nas crises de ansiedade e exaustão], mas . . . parecia que eu ia largar o emprego e ia morar na rua e não ia ter mais o que comer . . . Então eu acho que essa questão do: “preciso fazer, porque tem alguém na minha idade que também tá trabalhando e tá ganhando dinheiro e eu preciso ganhar dinheiro para fazer isso”, esse mundo que move a gente, né? Tudo, tudo ao mesmo tempo, tudo mais, “faça e faça” (G).

Dessa forma, é comum observar nas marcas cravadas pelo neoliberalismo que os sujeitos muitas vezes expressam dificuldade de encontrar em si mesmos orientação e referência passando a pautar-se por mecanismos externos mercadológicos que servem como parâmetros para gestão subjetiva e para dar "sentido ao seu 'levantar da cama'" (Dunker, Junior & Safatle, 2018). Este é um posicionamento que se destaca na narrativa da participante G:

Eu não conseguia mais fazer absolutamente nada, só ficar deitada. E aí, eu tinha medo de ir para o trabalho, era um terror. Eu não queria dormir, porque eu não queria acordar no outro dia para ir trabalhar. E aí, teve um dia que eu tive uma crise de ansiedade e, assim, eu até conseguia melhorar em casa, mas eu implorei para ir para o hospital, porque eu precisava de um atestado. Porque eu precisava de alguém para me provar que eu tinha alguma coisa; para eu provar para o meu tio para eu poder sair de lá [trabalho] (G).

Segundo Han (2015), a sociedade disciplinar se baseia na obediência a regras, proibições e normas fundamentadas por um controle externo, partindo de uma negatividade que delimita o certo e o errado, o “são e o louco”. Em contrapartida, a sociedade do desempenho, focada em um autocontrole interno e competição constante, “produz depressivos e fracassados”. O que ambas possuem em similaridade é o efeito epidêmico do adoecimento psicológico (e, por vezes, físico). Com efeito, o paradigma da saúde mental se baseia implicitamente no paradoxo das amarras neoliberalistas: produzir para viver e viver para produzir.

O de cima sobe e o de baixo desce

Segundo Marx (2014), as raízes do capitalismo fundamentam-se em um sistema de trocas, onde os indivíduos vendem seu tempo e força de trabalho a fim de obter um salário para suprir necessidades básicas para sua existência - como alimentação, moradia, vestuário, segurança, saúde e educação. Neste sentido, Harvey (2006) afirma que esta condição transforma o trabalhador em um capital variável, originando uma precarização de acesso a recursos vitais para a sobrevivência humana, uma vez que somente a classe alta usufrui livremente destes elementos.

Durante as entrevistas realizadas, foi possível identificar este aspecto no discurso de todos os participantes - a exploração advinda do trabalho se torna uma “fonte” inesgotável de estresse. Os participantes F, G e R identificam o acesso à uma alimentação saudável como principal fator de angústia frente aos desafios sociais provindos do sistema capitalista. Ademais, as condições de moradia se destacam no discurso das participantes G e M, onde a primeira ressalta o receio de encontrar-se em situação de desabrigo pela ausência de segurança financeira, enquanto a segunda descreve a dissonância entre os valores do salário

mínimo e do aluguel no atual mercado. Além disso, os aspectos de exercício físico, educação e saúde são recorrentes para os participantes A, G e M, como itens essenciais para uma vida minimamente saudável.

As falas anunciadas pelos participantes coadunam com a afirmação de Harvey (2011, p. 76): “os trabalhadores também têm de viver, fazer compras, educar seus filhos e satisfazer suas necessidades de lazer.” Dessa forma, o trabalho não deveria ser meramente um espaço de sobrevivência, mas, também, um elemento que deveria contribuir com a criação de autonomia e qualidade de vida para os indivíduos – aspecto que não foi vislumbrado em nenhuma das entrevistas.

Outros aspectos também tornam-se relevantes no que tange qualidade de vida e bem-estar, dentre eles o acesso à eletrodomésticos, mobílias, equipamentos de lazer, veículos de transporte (coletivo e/ou individual), cultura e entre outras particularidades que englobam o conforto e estabilidade à população. Ainda, o autor compreende que o desenvolvimento de regiões suburbanas tornou “produtos de luxo” em requisitos essenciais e indispensáveis para a vida diária, o que transforma o modelo socioeconômico de acumulação de capital em um ciclo constante de “criação de novas necessidades”, esse aspecto ficou claro na fala de F:

Por exemplo, eu tô trabalhando, eu tô conseguindo pagar minha psicoterapia, consigo pagar uma academia, então tô cuidando das minhas emoções, tenho cuidado do meu corpo, tenho condições de comprar os alimentos que eu preciso e também aqueles que satisfazem desejos que não necessariamente seja o básico. Eu tenho minha cachorra, então eu consigo ter essa troca e também eu consigo manter, né? . . . Eu posso viajar, vejo amigos, posso sair. . . . A saúde mental e o bem-estar que eu tenho hoje, que estão razoavelmente bons, é em decorrência do acesso que eu tenho a recursos financeiros através do meu trabalho, mas já tive momentos em que eu não tinha isso e que eu tava pior. (F)

Dessa maneira, Harvey (2011, p. 102) define o capitalismo como um sistema contraditório, considerando que a prática da meritocracia não contempla fatores de ordem ambiental e geopolítica, saúde coletiva, desigualdade social, diversidade, violências e frustrações individuais; com a finalidade de alienar e segregar simultaneamente as massas inseridas neste contexto, “de modo imprevisível e aparentemente incontrolável”.

Ao analisar a narrativa dos participantes F, M e R, pode-se identificar uma disparidade referente à compreensão individual sobre a ocupação no mercado de trabalho como uma oportunidade de estabilidade financeira; enquanto os participantes M e R caracterizam o emprego formal como sinônimo e garantia de segurança econômica, a participante F enfatiza um medo frente ao desamparo financeiro, caracterizado como uma possibilidade iminente no atual sistema: “o capitalismo é quem dita as regras”. Esta disparidade é perceptível na teoria de Marx (2014), na qual evidencia-se o desamparo à classe média-baixa por não obter um retorno financeiro proporcional aos esforços empregados através de sua mão de obra.

Consequentemente, segundo Marx (2014), ao passo em que o proletário busca condições dignas de trabalho, salários compatíveis com os custos de vida e acesso a serviços básicos, a burguesia concentra-se em ampliar e multiplicar seus lucros através da classe operária. Ou seja, conforme ilustrado pela participante A: “na verdade, quem menos pode pagar é quem mais precisa”.

A Propriedade Privada não é o seu iPhone: a utopia neoliberal

De acordo com o Dicionário Oxford (2023), define-se identidade como um “conjunto de características que distinguem uma pessoa ou uma coisa e por meio das quais é possível individualizá-la”. Partindo desta definição e usando a lógica neoliberal apresentada, pode-se

perceber que a maioria da população passa a definir a sua profissão como algo central em sua identidade. Segundo Harvey (2006), uma das formas que o capitalismo encontrou de transformar a motivação individual foi mascarar sua “identidade rígida”; ou seja, ele se mostra como algo positivo, um facilitador para que o sujeito alcance seus objetivos. Dessa forma, o indivíduo se automotiva e se culpabiliza sobre seus resultados, porque acredita que assim aumentará seu lucro, mas a “arte” do sistema está em não deixar a criação de capital solta, dificultando esse aumento que o ser humano almeja e disfarçando-se de uma identidade intrínseca de sua personalidade e existência.

. . . Até a definição de quem a gente é passa pelo o que a gente faz como profissional.

Tanto que, quando a gente se apresenta, a gente sempre fala nossa profissão, porque tá vinculado com a nossa identidade. Ao meu ver, essa é uma das características que é decorrente dessa construção histórica. (F)

De forma complementar, Marx (2014) argumenta que tudo o que definimos enquanto "mercadoria" tem o propósito de satisfazer as necessidades humanas, sejam estas necessidades do "estômago" - essenciais para a sobrevivência -, ou da fantasia. Ainda, implica-se que ambas desempenham um papel crucial em diferentes aspectos, inclusive na dualidade entre qualidade e quantidade; valorizando a importância dos desejos na busca pelo bem-estar e conforto na perspectiva humana. As necessidades vinculadas à fantasia estimulam a aspiração dos indivíduos em buscar uma qualidade de vida “superior”, melhores oportunidades e um *status* social mais elevado - ainda que em um sistema que pouco proporcione estas possibilidades de desenvolvimento socioeconômico. Este conceito se evidencia através das vivências da participante M:

Quando eu me mudei para Portugal, eu vim com a cabeça, tipo “Nossa, todas as férias eu vou viajar para um país da Europa diferente e a minha vida vai melhorar muito, e tudo mais, . . . daqui a um ano eu vou estar morando no Porto, em Lisboa, e eu vou

estar numa casa e tendo uma condição boa.” Sendo que, tipo, isso nunca aconteceu. . . . A saúde, aqui, pública que vendem não é boa (pelo menos onde eu moro). É, tipo, muito ruim. As escolas são, tipo, melhores do que do Brasil - as escolas públicas -, mas, mesmo assim, ainda tem grandes problemas. . . . O salário mínimo é muito baixo e as coisas estão ficando cada vez mais caras. E não é assim que funciona, e também tá muito difícil de conseguir emprego aqui, em qualquer área. (M)

Os fatores comumente utilizados pelo neoliberalismo para medir o seu sucesso, como a acumulação de riqueza e índices de redução da pobreza, têm-se mostrado ineficientes para evidenciar o seu verdadeiro impacto na vivência coletiva. Embora o neoliberalismo possa ter demonstrado ganhos econômicos significativos em algumas regiões em particular, não se pode presumir que esses avanços resultaram em melhorias substanciais na qualidade de vida e bem-estar da população, visto que o sucesso isolado por áreas não se traduz necessariamente em benefícios gerais para a sociedade como um todo (Harvey, 2006).

Por outro lado, o neoliberalismo encontra formas de avaliar a sua eficácia no campo da saúde ao influenciar a forma como a população lida com o sofrimento psíquico. As causas biológicas da dor não são negadas, mas a forma como narramos e classificamos o sofrimento altera a experiência da dor. Segundo Dunker, Junior e Safatle (2021, p. 13), “O corpo sempre foi essencialmente plástico frente à cultura”.

Sendo assim, sob análise dos conteúdos abordados durante o diálogo com os entrevistados, identifica-se a existência de uma dinâmica que associa uma boa saúde à produtividade constante, ou seja, um indivíduo saudável é aquele que está em sua plena capacidade de produção. Essa dinâmica mostra-se evidente na fala de um dos participantes:

Então, meio que saúde mental não existe, né? Tipo, é um nome que a gente dá para uma pessoa que está produzindo direitinho, a pessoa está com saúde mental, sabe?

Então, assim, não sei exatamente, mas bem-estar não existe, eu não sinto bem-estar na maior parte do tempo, então não existe. (R)

Contudo, o neoliberalismo encontra novas maneiras e estratégias para transformar as motivações humanas em elementos que possam ser quantificados e, conseqüentemente, direcionados à prática capitalista. A ação de compra e venda, fundamental na economia, passa a ser estudada e condicionada a uma estrutura que visa atender às diretrizes de valorização do capital (Dunker, Junior & Safatle, 2021). As entrevistadas F e G, ao serem questionadas sobre a escolha de carreira, exemplificam como essa lógica se mostra na prática e, até mesmo, como a satisfação dos princípios de valorização do capital pode se sobrepor à satisfação do desejo individual:

Meu pai é de uma geração anterior, então para ele o trabalho, a faculdade, era o que daria melhores condições de vida para mim. Então, eu acreditava que só tinha que ser algo que dava dinheiro . . . Eu pensei “Direito, ok, direito dá dinheiro, então vou fazer”. E eu gosto de Justiça, então foi assim. . . . Direito, para mim, tem sentido até na primeira página só, virando a página todo o restante do livro é sobre Psicologia [segunda formação] – livro de quem eu sou, da minha vida. Então, a Psicologia tá alinhada à minha satisfação pessoal, só que até antes de fazer psicoterapia eu vivia para agradar os outros. (F)

É, eu passei, assim, parte da minha vida vendo minha prima sofrendo muito com isso de faculdade - ela fez Direito e ela não gostava, ela queria fazer Moda. Ela fez Direito porque o pai dela queria que ela fizesse. Ela nunca trabalhou com Direito, hoje em dia ela trabalha com... Ela está fazendo Publicidade e Propaganda. (G)

Neste cenário, Marx (2014) caracteriza este formato como uma ilusão desenvolvida pela burguesia, cujo objetivo é criar uma divisão entre o proletário e a classe detentora do capital, expondo o operário à exploração e desigualdade social (e econômica). Para o autor, o

embate contra este sistema metódico exige que haja uma luta de cunho defensivo contra os efeitos desta aceleração majoritariamente opressora, uma vez que o desenvolvimento da produtividade moderna desconsidera quaisquer benefícios diretos ao trabalhador.

Como é difícil entrar em contato com a realidade, né? Então, esse processo de conhecimento dos efeitos do capitalismo, essas fantasias, adoecem também. Porque, daí, a gente cai nesse lugar onde que “Putz, é a minha vida que tá em jogo aqui, tá todo mundo vivendo isso, ninguém tá falando nada!”. Não sei, eu não vou conseguir mudar tudo. E aí, não dá para resolver esse problema, né? Um problema que é estrutural e que tem toda uma organização bem sólida que mantém ele, né? . . . A gente vê pequenos grupos que conseguem resistir e manter alguns direitos e lutar por direitos, mas . . . Eu sozinha, eu não vou conseguir. (F)

Para a participante M, é necessário que a população desenvolva uma consciência referente à sua verdadeira condição e *status* socioeconômico para que se aproprie da causa. Para ela, um exemplo de ação de reparação e redução de danos seria através de uma possível taxação de grandes fortunas: “Você tá sendo tão afetado quanto a gente, não adianta ficar defendendo o capitalismo, o neoliberalismo, falando que é melhor, porque ele te afeta igual . . . A propriedade privada não é o seu *iPhone*”.

Desta maneira, Marx (2014), em sua obra, discute a forma como o capitalismo promove a produção em massa de mercadorias e a criação de desejos “artificiais”, visando a incessante busca por lucro. Fazendo uma análise no contexto atual do neoliberalismo, pode-se relacionar essa construção de novos bens e necessidades com os artifícios utilizados pela publicidade vendida por este sistema - o que está evidenciado na fala das participantes A e F:

Porque tem muitas armadilhas e as armadilhas tocam . . . a psicologia dentro do *marketing*, dentro da publicidade. Como isso é utilizado de uma forma para convencer que a gente precisa daquilo, sendo que a gente nem precisa na verdade, é só a gente

que é o produto. Eles manipulam de uma forma em que eles mudam o comportamento das pessoas e as pessoas passam a acreditar que elas precisam, que elas têm algumas certas coisas e que elas precisam, então, consumir tal produto x - e aí isso vira uma bola de neve. (F)

. . . Toda atriz, toda pessoa “mais assim”, tem o seu psicólogo, tem o seu atendimento. É uma coisa bonita de se ver, né? Chega ser algo fútil, olhando essas . . . personalidades, celebridades que poderiam pagar qualquer um, nem precisariam falar que fazem atendimento e *romantizam*. (A)

Ademais, a lógica neoliberal encontra no campo da Psicologia novas formas de propagar seus ideais de normatização da autoexploração nas últimas décadas. Segundo Pavón-Cuéllar (2012), não é possível resistir ao neoliberalismo, uma vez que a prática da Psicologia é utilizada (em alguns contextos) para padronizar e reabilitar o funcionamento de indivíduos para sua produtividade constante, facilitando sua circulação no mercado sem interrupções ou “falhas”. De acordo com Bock (2004, p. 2), esta atuação estabeleceu a compreensão do homem como um ser inato, com características e competências naturais à sua existência; o qual, se condicionado a um determinado ambiente, será moldado dentro de funcionalidades, onde se enquadra como “um homem que é responsável pelo seu desenvolvimento e pelo seu sucesso ou fracasso”.

Em oposição a este mecanismo, a participante A classifica a importância da psicoterapia neste embate da seguinte maneira:

Ela [a psicoterapia] . . . pode não ajudar a mudar o quadro de estresse, mas ela ajuda a forma que a gente lida com esse quadro de estresse, porque a gente não consegue mudar o meio, mas nós mudamos a nossa forma de pensamento. E é isso que a gente

trabalha, acredito eu, né, na psicoterapia. . . . A gente não vai mudar aquilo, a gente vai mudar o nosso comportamento, a nossa mente diante daquilo. (A)

Este discurso se conecta com a concepção de Bock (1997), onde a autora argumenta que a verdadeira face da Psicologia crítica se pauta não apenas em uma “redução do sofrimento”, mas, também, na busca de um conhecimento que permita ao indivíduo a compreensão do que lhe é próprio ou induzido, através de uma escuta ativa que considera recortes sociais e engloba uma visão histórica do ser humano. Para a participante F, há uma clara divisão entre as boas práticas, defendendo que:

A psicologia, como uma ciência, um instrumento, enfim, por que não seria [mercantilizada]? Tudo que pode ser monetizado vai ser monetizado nessa sociedade. . . . Só que se a gente adotar essa psicologia, a gente não vai estar fazendo psicologia, porque a psicologia tá justamente no lugar da dor, do incômodo. E para chegar nesse lugar, a gente precisa compreender todos os recortes sociais que existem e que afetam diretamente as relações e a constituição dos seres humanos e seres na sociedade. (F)

4. Considerações Finais

Tendo em vista o desenvolvimento da sociedade através dos séculos, grande parte de nossa subjetividade e da nossa rotina diária se compõem por meio das atividades profissionais e laborais. O processo de desenvolvimento de nossa subjetividade é atravessado por este aspecto, sendo este fundamental para compreensão de como nos vemos e como somos vistos socialmente. Contudo, para pensar em labor e trabalho não podemos esquecer jamais que estes encontram-se inseridos dentro da lógica capitalista, apresentando-se, cada vez mais, sob sua forma explorada que se categoriza como alienante e adoecedora.

Ao decorrer da pesquisa, foi possível observar uma evidente conexão entre os níveis elevados de estresse gerados pela necessidade constante de produção e o desenvolvimento de quadros psicopatológicos nos participantes. Esta constatação destaca o impacto de estar sob constante pressão e autocobrança na saúde mental, produzindo conforme moldes e padronizações enviesadas por conceitos de “sucesso” ou “fracasso”, além de individualizar questões de ordem social e fomentar cenários de competição desenfreada entre os sujeitos inseridos no contexto deste sistema.

Dessa forma, torna-se clara a influência das estratégias neoliberais na constituição da subjetividade e nas formas de adoecimento que observamos na paisagem patológica da contemporaneidade. Frente a este fato, a Psicologia, muitas vezes, vem agindo de forma superficial, como um *band-aid*, não aprofundando-se na raiz das problemáticas e potencializando o discurso que vincula a saúde à capacidade plena de produção ininterrupta.

Frente a estes aspectos, afirmamos a necessidade de reflexões sobre as práticas da psicologia na atualidade, para que se vislumbre até que ponto estas incidem e corroboram com as práticas neoliberais. Para tal, é preciso que se *desromantize* as práticas da psicologia, compreendendo como estas não são neutras, mas, sim, atravessadas por aspectos de ordem social, histórica, cultural, etc. Acreditamos que este caminho é essencial para que a psicologia

se emancipe das amarras invisíveis que manipulam e obstruem a compreensão do propósito da profissão.

Com base nas reflexões e conteúdos expostos ao decorrer das pesquisas e entrevistas, identifica-se a recorrência dos impactos positivos de uma escuta ativa e acolhedora na narrativa dos participantes como benefício direto à qualidade de vida, autoconhecimento e maior consciência frente às dinâmicas da esfera onde se encontram.

Neste sentido, é imprescindível reconhecer a Psicologia como uma área intrinsecamente política do ponto de vista ético: ressaltando a relevância de compreender o sujeito em sua integralidade, enquanto ser social e histórico, enfatizando-se uma visão de seu contexto biopsicossocial, bem como recortes sociais sobre minorias e a desigualdade social que isola - ou mesmo marginaliza - grupos específicos que fogem à norma estabelecida. Toda Psicologia é essencialmente social: não existe Psicologia sem senso crítico.

REFERÊNCIAS

- Aguiar, W. M. J. de ., Aranha, E. M. G., & Soares, J. R. (2021). Núcleos de Significação: Análise Dialética das Significações Produzidas em Grupo. *Cadernos De Pesquisa*, 51. <https://www.scielo.br/j/cp/a/ymVxKVh33rjkXHMxd45HjBG/#>. doi: 10.1590/198053147305
- Aguiar, W. M. J., & Ozella, S. (2006). Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 26(2), 222-245. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=282021740006>
- Bock, A. M. B. (1997). Formação do psicólogo: um debate a partir do significado do fenômeno psicológico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 17(2). <https://www.scielo.br/j/pcp/a/8wMf9sFXZtQcdnY5xvMVpsF/?lang=pt>. doi: 10.1590/S1414-98931997000200006
- Bock, A. M. B. (2004). A perspectiva histórica da subjetividade: uma exigência para la psicologia atual. *Revista de la Unión Latinoamericana de Psicología*. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2004000100002&lng=pt&tlng=pt.
- Cambaúva, L. G., & Silva Junior, M. C. da. (2005). Depressão e neoliberalismo: constituição da saúde mental na atualidade. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 25(4), 526–535. <https://www.scielo.br/j/pcp/a/cnj5w3mdgrrRBSHqdc9FF/?lang=pt#:~:text=Entender%20a%20ideologia%20neoliberal%20e,para%20o%20enfoque%20na%20preven%C3%A7%C3%A3o>. doi: 10.1590/S1414-98932005000400003

Conselho Federal de Psicologia - CFP. (2005). Código de Ética Profissional do Psicólogo - Resolução CFP Nº 010/05, de agosto de 2005: Princípios Fundamentais. Brasília.
<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>

Conselho Federal de Psicologia - CFP. (2022). Quem faz a psicologia brasileira? Um olhar sobre o presente para construir o futuro: formação e inserção no mundo do trabalho. Brasília: Conselho Federal de Psicologia. Brasília. https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2022/12/Censo_psicologia_Vol1-1.pdf.

Darwin, C. (1974). *A origem do homem e a seleção sexual*. (A. Cancian., E. N. Fonseca, Trad.). Hemus.

Dip, J. (2023, 14 de março). Procura por curso de psicologia aumentou 112,4% no Brasil. *Jornal da Band*. <https://www.band.uol.com.br/noticias/jornal-da-band/ultimas/procura-por-curso-de-psicologia-aumentou-1124-no-brasil-16589237>

Dunker, C., Junior, N. S. & Safatle, V. (2018). *Patologias do Social: arqueologias do sofrimento psíquico*. Editora Autêntica.

Dunker, C., Junior, N. S. & Safatle, V. (2021). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Editora Autêntica.

Fontanella, B. J. B., Ricas, J., & Turato, E. R.. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cadernos De Saúde Pública*, 24(1), 17–27. https://www.scielo.br/j/csp/a/Zbfsr8DcW5YNWV_kymVByhrN/?lang=pt#. doi: 10.1590/S0102-311X2008000100003

Han, B-C. (2015). *Sociedade do Cansaço*. (E. P. Giachini, Trad.). Editora Vozes.

- Han, B-C. (2018). *Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. (M. Liesen, Trad.). Editora Âyiné.
- Harvey, D. (2006). *Os limites do capital*. (M. Lopes, Trad.). Boitempo Editorial.
- Harvey, D. (2007). *A brief history of neoliberalism*. Oxford: Oxford University Press.
- Harvey, D. (2008). *O neoliberalismo: história e implicações*. (A. Sobral, M. S. Gonçalves, Trad.). Edições Loyola.
- Harvey, D. (2011). *O Enigma do Capital: e as crises do capitalismo*. (J. A. Peschanski, Trad.). Boitempo Editorial.
- Instituto de Estudos para Políticas de Saúde. (2022). *Mais de 70% dos brasileiros com depressão não receberam nenhum tratamento em 2019, aponta estudo*. São Paulo: IEPS. <https://ieps.org.br/mais-de-70-dos-brasileiros-com-depressao-nao-receberam-nenhum-tratamento-em-2019-aponta-estudo/>.
- Marx, K. (2014). *O capital: crítica da economia política*. (33a ed., R. Sant’Anna, Trad.). Civilização Brasileira.
- Neves, J. L. (1996). Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades. *Caderno de Pesquisas em Administração*, 1(3), 5. https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/NEVES-Pesquisa_Qualitativa.pdf
- Pavón-Cuéllar, D. (2017). Subjetividad y psicología en el capitalismo neoliberal. *Revista Psicologia Política*, 17(40), 589-607.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000300011&lng=pt&tlng=es.

Portal da Indústria (n.d). Privatização: entenda o que é e como funciona [blog]. Recuperado em 08 de outubro de 2023, de <https://www.portaldaindustria.com.br/industria-de-a-z/privatizacao-entenda-o-que-e-e-como-funciona/#:~:text=A%20privatiza%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A9%20vista%20como,empresas%20e%20servi%C3%A7os%20prestados>.

Spencer, H. (2015). Primeiros Princípios. (1a ed., I. C. Junior, Trad.). Ex Machina.

ANEXO A - NORMAS DA REVISTA PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO

Diretrizes para Autores

Escopo e política

A Revista Psicologia: Ciência e Profissão é uma publicação trimestral editada pelo Conselho Federal de Psicologia.

Publica textos originais em português, inglês, espanhol ou francês de relevância científica e social para a produção do conhecimento em psicologia, em uma perspectiva crítica, consonantes com as políticas da profissão e atentos aos direitos humanos.

A Psicologia: Ciência e Profissão publica:

1. Estudo teórico/ Revisão bibliográfica - Exige-se, na revista, que a pesquisa teórica, nos diferentes campos do conhecimento, contribua para o aprofundamento de um tema ou conceito e apresente um debate teórico que mapeie o estado da arte, culminando em apontamentos que sugiram uma perspectiva crítica e inovadora no campo da psicologia e suas interfaces. Artigos de revisão bibliográfica que somente mencionam a posição de outros autores sobre conceitos e teorias e que pesquisam ou realizam levantamentos de temáticas em base de dados não serão aceitos por este periódico.

2. Relato de pesquisa – investigações inéditas, de relevância científica, construídas a partir de materiais empíricos. É necessário explicitar os fundamentos teórico- metodológicos, as análises e as discussões decorrentes da pesquisa. Deve ter entre 20 e 25 laudas, não considerando resumos e referências;

3. Relato de experiência - relatos de experiência relacionados à intervenção profissional, que tragam contribuições para as práticas em Psicologia. Deve ter entre 20 e 25 laudas, não considerando resumos e referências.

O título abreviado do periódico é Psicol., Ciênc. Prof. que deve ser usado em notas de rodapé e referências.

Caso a autora ou o autor queira divulgar seu trabalho em outro formato deve citar esta primeira publicação.

Preparação dos textos:

O texto submetido a RPCP não pode ter sido publicado em outro veículo de divulgação (revista, livro, etc.) e não pode ser simultaneamente submetido ou publicado em outro meio de divulgação científica ou de pesquisa.

Todas as submissões devem seguir as Normas de Publicação da APA: American Psychological Association. (2010). Publication manual of the American Psychological Association (6th ed.). Washington, DC: Author), no que diz respeito ao estilo de apresentação do texto e aos aspectos éticos inerentes à realização de um trabalho científico. A omissão de informação no detalhamento que se segue implica que prevalece a orientação da APA.

Observação: Se uma citação ou trecho de entrevista compreende menos do que 40 palavras, incorpore-a ao texto e a coloque entre aspas duplas. Caso compreenda 40 ou mais palavras, apresente-a em um bloco de texto separado e omita as aspas.

Critérios gerais para avaliação dos textos:

1. Os trabalhos enviados podem ser redigidos em português, em inglês, em espanhol ou em francês, obrigatoriamente com resumo, abstract e resumen;
2. Espaço duplo, fonte Times New Roman, tamanho 12, margens de 2,54 centímetros, texto alinhado à esquerda;
3. Textos devem ser submetidos em extensão .doc ou .docx;
4. Tabelas e figuras (gráficos e imagens) devem constar no corpo de texto, mas necessariamente em formato editável;
5. As páginas não devem ser numeradas;
6. O título deve ter até 12 palavras, ser centralizado, em negrito e conter letras maiúsculas e minúsculas;

7. O título deve explicitar o(s) fenômeno(s) estudado(s) e a relação com o contexto de investigação;
8. O resumo deve corresponder ao desenvolvimento do texto e conter de 150 a 250 palavras, e de 3 a 5 palavras-chave em cada um dos resumos;
9. As referências e formas de citação devem seguir as Normas de Publicação da APA: American Psychological Association. (2010). Publication manual of the American Psychological Association (6th ed.). Washington, DC: Author);
10. Todos os endereços de páginas na Internet (URLs) incluídos no texto devem estar ativos e prontos para acesso imediato.
11. Todos os autores e coautores devem ter seu Open Researcher and Contributor ID - ORCID cadastrado em seu perfil do SciELO. Caso não tenha o ORCID, fazer o cadastro em <https://orcid.org/register>.
12. Autores de artigos que não possuem graduação completa na área de Psicologia ou afins deverão ter em coautoria um profissional com no mínimo graduação.

Etapas da avaliação

Os textos serão avaliados quanto a sua adequação às normas de submissão da Revista. Em havendo equívocos no processo de submissão as autoras e ou os autores serão notificados e o texto arquivado, ficando a critério das autoras e ou dos autores uma nova submissão;

Os textos aprovados na primeira etapa serão avaliados pela Comissão Editorial em relação a sua coerência com o escopo da revista. Para tanto, a comissão editorial poderá recorrer ao conselho consultivo. Em caso de dissonância o texto poderá ser arquivado e as autoras e ou os autores notificados.

Os textos aprovados nas etapas anteriores serão submetidos à avaliação de pareceristas ad hoc, omitida a identidade das autoras e ou dos autores. Após esta avaliação o texto poderá ser

recusado, encaminhado para reformulações ou aceito para publicação. Em todos os casos as autoras e ou os autores serão notificados.

Submissão do texto pelo(s) autor(es)

As autoras e ou os autores devem atentar-se as seguintes especificações de envio:

1) Carta à Editora

Os autores e as autoras devem dar ciência da sua concordância com a publicação do texto à Revista Psicologia: Ciência e Profissão por meio de carta à editora assinada por todas as autoras e ou todos os autores e enviada via Plataforma SciELO como “Documento Suplementar”, em PDF atendendo as seguintes exigências:

- a) Identificar o tipo de texto, conforme especificado no item “preparação dos textos”;
- b) Declarar que o texto não foi submetido ou publicado em outro meio de divulgação científica;
- c) Declarar que os procedimentos éticos de pesquisa foram cumpridos.

A Comissão editorial poderá solicitar documentos relacionados às resoluções vigentes (Resolução CONEP nº 466/2012 e/ou Resolução CONEP nº 510/2016).

Somente serão avaliados os textos submetidos à Revista PCP via Plataforma SciELO.

2) Folha de Rosto

A folha de rosto deverá ser enviada via Plataforma SciELO como “Documento Suplementar”, contendo:

Título em português (máximo de 12 palavras);

Título em inglês;

Título em espanhol;

Nome, titulação e afiliação institucional e/ou profissional, por extenso, de cada um dos autores;

Nomes dos autores como devem aparecer em citações;

Endereço de correspondência do autor ou da autora com o qual a Revista poderá manter contato;

Informação de financiamento de pesquisa pelas agências de fomento quando pertinentes.

Caso o artigo tenha mais de 4 autores/autoras, deve ser especificada a contribuição de cada um/uma na concepção e execução da pesquisa e/ou na elaboração do manuscrito.

3) Apresentação formal do texto

Os textos originais deverão ser submetidos via Plataforma SciELO mediante cadastro do(a) autor(a) na página da Revista PCP

(<http://submission.scielo.br/index.php/pcp/about/submissions#authorGuidelines>). Para garantir a revisão às cegas, as autoras e ou os autores serão responsáveis por retirar do texto qualquer forma de identificação de autoria.

Os autores e ou as autoras serão comunicados automaticamente sobre o recebimento do texto e poderão acompanhar o processo de editoração eletrônica, utilizando seu nome de usuário e senha. Os textos somente iniciarão o processo editorial com o registro de todas as autoras e ou todos os autores na página da Revista e de seus respectivos e-mails.

Não há taxas para submissão e avaliação de artigos.

Estudos Teóricos/Ensaaios

Estudos teóricos/ensaaios - Discussões originais de temas, conceitos e problemas fundamentados teoricamente, que contribuam para o campo de estudo. Não serão aceitos artigos de revisão bibliográfica ou teórica que se restrinjam a levantamentos de base de dados. Deve ter entre 20 e 25 laudas, não considerando resumos e referências.

Relatos de Pesquisa

Relatos de pesquisa - investigações inéditas, de relevância científica, construídas a partir de materiais empíricos. É necessário explicitar os fundamentos teórico- metodológicos, as

análises e as discussões decorrentes da pesquisa. Deve ter entre 20 e 25 laudas, não considerando resumos e referências.

Relatos de Experiência Profissional

Relatos de experiência profissional - relatos de experiência relacionados à intervenção profissional, que tragam contribuições para as práticas em Psicologia. Deve ter entre 20 e 25 laudas, não considerando resumos e referências.

Política de Privacidade

Os nomes e endereços informados nesta revista serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.